

10 de Julho de 2023



**CASAS PARA OS REASSENTADOS, PARA QUANDO?
ALGUNS DESAFIOS DA RECONSTRUÇÃO PÓS-IDAI
EM BÚZI, SOFALA**

Uacitissa Mandamule

RESUMO

A reconstrução pós-desastre é um processo complexo (e por vezes longo) que exige uma abordagem holística e coordenação entre os diferentes actores (Estado, agências de ajuda humanitária, comunidades) na identificação das prioridades de intervenção. Esta consiste num conjunto complexo de medidas sociais, políticas, financeiras e tecnológicas (Thurairajah, 2011), incluindo a reabilitação da infra-estrutura física das áreas afectadas (Dauphiné & Provitolo, 2013). A reconstrução começa imediatamente após o período de emergência e continua até que a vida volte a um estado normal ou até melhor do que antes do desastre (Amaratunga & Haigh, 2011; Barenstein & Leemann, 2012; Lizarralde *et al.*, 2009).

Volvidos quatro anos após a passagem do ciclone Idai, algumas infra-estruturas, públicas e privadas, na vila de Búzi exibem ainda rastros da destruição provocada por aquele desastre. Nos bairros de reassentamento localizados em Guara-Guara e nos bairros circunvizinhos, a população regozija-se com a construção e recente inauguração do hospital distrital de Búzi. No entanto, ressentem-se do atraso dos projectos de construção de habitações para a população reassentada, e enfrenta um dilema paradigmático entre permanecer nos bairros de reassentamento e regressar às zonas consideradas de risco, contra o agrado do governo local e alguns organismos internacionais de ajuda. Em Búzi, o processo de reconstrução pós-Idai é prolongado, entre outros, pela ocorrência cíclica de eventos extremos e pela fraca capacidade financeira e governativa das instituições do Estado local que, tal como a população, anseiam pelo início dos projectos de construção de moradias aguardados desde 2019.

INTRODUÇÃO

"Na vila de Búzi, só se via água. Não havia maneira de ver onde era a margem do rio ou qualquer outra coisa. Foi o maior desastre que já aconteceu no Búzi! O arroz ficou inundado e o milho também. Não sobreviveu nada... Ainda vai levar tempo para recuperarmos e voltarmos a ter o que tínhamos. Vai levar anos! Estas chuvas provocaram o caos¹.

Búzi é um dos distritos mais afectados por eventos hidro-meteorológicos extremos, como ciclones, inundações e secas. Nos últimos cinco anos (2019-2023), a ocorrência destes eventos foi frequente. No caso do Idai², ocorrido em Março de 2019, estima-se que, para além de destruir habitações e várias infra-estruturas, públicas e privadas, afectou directamente cerca de 154.332 pessoas (30.867 agregados familiares), deslocando internamente 16.714 pessoas e matando 108 pessoas (INGC *et al.*, 2019).

De acordo com os relatórios do INGD, cerca de 29.600 famílias de agricultores foram afectadas pelo Idai. Os campos permaneceram inundados durante uma semana e, à data de 2 de Abril de 2019, isto é, três semanas após os eventos, cerca de 20% da área agrícola (58.337 ha) ainda estava debaixo de água (INGC *et al.*, 2019). O relatório anual de actividades do governo distrital do Búzi (2019) refere que, de um total de 99.262 hectares de culturas semeadas na primeira época da campanha agrícola 2018/2019, cerca de 76.215 hectares (77% do total) perderam-se em resultado daqueles eventos. As culturas mais afectadas foram o milho (25.731 ha) e o arroz (22.775 ha), ou seja, as culturas alimentares básicas. Registaram-se ainda perdas em 8.506 ha de produtos hortícolas, 3.800 ha de tubérculos e 9.590 ha de outras culturas. Os três principais sistemas de irrigação foram danificados pelo ciclone e pelas cheias, como explicou um entrevistado: "O nosso equipamento, as motobombas que já tínhamos comprado... um pequeno moinho para descascar o arroz... estava tudo partido"³. Estes sistemas de irrigação beneficiavam directamente 150 agricultores organizados em quatro associações de produtores: a associação Move 4º Congresso, a associação Samora Machel, a associação Kupidza Urombo e a associação Chicumbua.

O ciclone Idai e as inundações que se lhe seguiram, em Março de 2019 - e depois as que ocorreram no início de 2020 e 2021 – vieram reforçar a retórica política sobre a necessidade de uma reconstrução nova (Dauphiné & Provitolo, 2013) e o "abandono" (ainda que sazonal) da população da vila de Búzi para locais considerados "seguros", como Guara-Guara. Tecnicamente, a realocação da vila de Búzi significaria "reconstruir de raiz" os serviços administrativos, as infra-estruturas sociais e as habitações numa zona onde o risco de inundações deixaria de ser um problema, como a localidade de Guara-Guara. Mas, quando será isto concretizado?

¹ Membro da União Distrital de Camponeses de Búzi (UDAC). Entrevista de 26 de Setembro de 2020.

² Entenda-se simultaneamente o ciclone e as inundações que lhe se seguiram.

³ Entrevista de 26 de Setembro de 2020, Búzi.

GUARA-GUARA: A “FUTURA” VILA?

Três meses após o desastre, foram atribuídos terrenos à população deslocada no Búzi pelo Idai. Em Dezembro de 2020, o distrito de Búzi tinha 13 bairros de reassentamento para a população afectada pelo Idai, divididos em 4 localidades: 3 centros em Guara-Guara; 3 centros em Bândua; 4 centros em Estaquinha e 3 em Gruja. Nas zonas de reassentamento, foi atribuída, a cada agregado familiar, uma parcela de terreno de 20x30 metros e uma tenda para abrigo, enquanto se aguardavam os projectos de construção de casas. Foram, no total, delimitadas e atribuídas 6.486 parcelas, assim distribuídas⁴:

Localidade	Local de reassentamento	Nr. de famílias
Bândua	Pavo	1 016
	Chingamidje	480
	Bândua régulo	645
Estaquinha	Estaquinha-Sede	299
	Begaja	210
	Inhajou	445
	Machemedje	189
Gruja	Maxondjova	530
	Nhamacuta	412
	Nhazviconja	140
Guara-Guara	Masquil alto 1	1 816
	Masquil alto 2	256
	Mussocossa	48
Total		6 486

Tabela 1: Distribuição da população com lotes de 20 x 30m². por local de realojamento (Serviço Distrital de Planeamento e Infra-estruturas, 2020).

Centramos o nosso estudo na localidade de Guara-Guara, uma das que acolheu o maior número de famílias reassentadas (mais de 2.100) e para onde se espera “transferir” a vila de Búzi. A localidade dista cerca de 17 km da vila de Búzi e situa-se na ponta de um terraço calcário quaternário com solos arenosos drenantes de pouco valor agrícola, elevando-se alguns metros acima da planície de inundaçãõ com solos argilosos férteis (SWECO International and Associates, 2011). A ligação com os novos bairros de

⁴ À data de Dezembro de 2020.

reassentamento em Guara-Guara⁵ é feita por estrada não asfaltada, geralmente a pé ou de motorizada. No caminho que leva até lá, as pessoas tentam evitar a poeira levantada pelos camiões basculantes que penetram no interior de Guara-Guara para extrair a areia e as pedras para a construção da estrada Tica-Búzi⁶. Por esta razão, as casas e a vegetação ao longo da estrada adquiriram uma cor vermelho-clara, uma situação de que a população local já se queixou, sem qualquer resposta por parte dos empreiteiros, como nos disse um entrevistado numa das nossas caminhadas de observação⁷. Quando há visitas de "alto-nível", como quando o Presidente da República se deslocou até Guara-Guara para inaugurar o hospital distrital, em Abril de 2023, a estrada, que habitualmente exhibia buracos e areal, vira um autêntico "tapete" para permitir a circulação das comitivas vindas do governo provincial e dos distritos mais próximos.

Muitas vezes, após um desastre, o governo local e as ONGs internacionais mobilizam a população para abandonar as áreas de Búzi mapeadas como sendo de alto risco de inundação. As pessoas são encorajadas a construir em Guara-Guara, uma zona considerada "segura" com baixo risco de inundações. Nos centros de reassentamento, as pessoas são recordadas do perigo que podem enfrentar se regressarem à vila e informadas das vantagens de se instalarem em Guara-Guara, "a futura cidade do distrito de Búzi"⁸.

Até princípios de 2021, quase dois anos após o Idai, um número considerável de famílias reassentadas ainda vivia nas tendas. Poucas eram as que tinham construído casas, receando ser excluídas quando os projectos de construção de casas fossem lançados pelo governo ou pelas ONGs. Outras preferiram abandonar ou vender a parcela de terra e regressar à vila de Búzi. Uma vez que a venda do terreno não permitia a transferência do direito à assistência humanitária (*mpako*), estes "circulantes", como eram localmente designados, tinham tendência em regressar a Guara-Guara na véspera da distribuição.

Com o atraso no início da construção, alguns agregados familiares lançaram-se na construção de casas feitas com material local (estacas, cobertura de capim e paredes maticadas com lama). Nas famílias nucleares, a construção é uma actividade conjunta, mas homens e mulheres têm tarefas específicas. Cabe aos homens ir buscar as estacas e palha, enquanto as mulheres fazem tijolos ou rebocam as paredes com lama recolhida na zona de reassentamento (Figura 1). A lama é extraída com uma pá ou enxada e transportada em baldes ou sacos. É depois misturada com água até se obter uma massa homogénea e aplicada nas paredes, primeiro, no interior e, depois, no exterior.

⁵ Bairros constituídos após as inundações de 2019, 2020 e 2021.

⁶ Este DR resulta de uma pesquisa de doutoramento em curso desde Outubro de 2019. A recolha de dados decorreu em 4 momentos: Setembro de 2019, Setembro a Dezembro de 2020 e Abril de 2023.

⁷ Notas de terreno de Novembro de 2020.

⁸ Funcionário do governo local, entrevista de 11 de Novembro de 2020, Búzi.



Figura 1: Uma mulher maticando as paredes da casa. Masquil Alto 2. Foto: U. Mandamule, Outubro 2020.

Thurairajah *et al.* (2008) consideram que os desastres constituem frequentemente uma oportunidade única para questionar e alterar certas relações de género nas sociedades. Por exemplo, no período que se seguiu à passagem do furacão Mitch, em 1998, na Guatemala e nas Honduras, foram vistas algumas mulheres a construir abrigos e casas, a abrir poços e valas e a transportar água, tarefas culturalmente atribuídas aos homens. Outros estudos também mencionam a importância e a necessidade de incluir as mulheres em projectos de reconstrução pós-desastre, como forma de aumentar a sua resiliência e a dos seus agregados familiares (Bradshaw, 2002; Delaney & Shrader, 2000; Miller & Rivera, 2010).

Nos agregados familiares chefiados por mulheres, a procura de estacas e paus e a construção propriamente dita são efectuadas por jovens contratados para o efeito. Tal como nos agregados nucleares, as mulheres fazem o resto: vão buscar o barro, por vezes com a ajuda dos filhos, e rebocam as paredes. Os telhados são cobertos com palha ou chapas. Para além da casa no centro de reassentamento, alguns estão a reconstruir casas na sua área de origem e a alugá-las. O aluguer das casas proporciona um rendimento mensal adicional, que não existia antes do reassentamento. Este rendimento é utilizado para pagar as propinas das crianças, comprar alimentos ou investir na preparação de machambas para a época agrícola seguinte.

AFINAL, PARA QUANDO AS CASAS E DE QUE TIPO?

Abril de 2023... depois Junho de 2023. O início do projecto de construção de habitações para as famílias reassentadas na localidade de Guara-Guara ainda é incerto. As expectativas da população que espera impacientemente, estas, sim, são certas. Localmente sabe-se que a promessa, datada de 2019, vem da Fundação Tzu Chi Moçambique e incluía a construção de 3.000 casas nos distritos de Búzi e Nhamatanda⁹ (Redacção, 2019).

Um projecto da CARE International tinha dado a cada agregado familiar 6 chapas de zinco para ajudar a construção. Algumas venderam as suas chapas de zinco a outros agregados familiares reassentados ou a residentes dos bairros circunvizinhos. Outras, ainda, estão a guardar as chapas até poderem comprar mais por si próprias ou através de um donativo, porque o número de chapas que lhes foi atribuído não é suficiente. A CARE International também tinha iniciado um projecto de construção de casas para pessoas vulneráveis (pessoas idosas, órfãs e viúvas), com uso de material local. Um dos beneficiários conta que aquele modelo de casa, não só, não oferece segurança, como, passados alguns meses, tornaram-se inóspitas: *"a casa não tem janela e, quando eles fizeram, não tinha porta...até os porcos vivem melhor"*¹⁰ (Figura 2). Não foi possível aferir o custo unitário, nem o número de habitações construídas. De facto, como ilustra a figura abaixo, é de questionar em que bases se chegou àquele modelo de casa e que resiliência se buscava com as mesmas? Quantos milhões de meticais foram gastos nesta empreitada "falhada", segundo referem os próprios beneficiários?



Figura 2: Casa construída pela CARE International. À esquerda, em Outubro de 2020. À direita, em Abril de 2023.

⁹ No distrito de Nhamatanda, os trabalhos de construção já iniciaram. São no total 1.065 casas em construção, algumas das quais já entregues aos beneficiários (<https://www.facebook.com/TzuChiMozambique/>).

¹⁰ Homem, entrevista de 15 de Abril de 2023.

Outro organismo que lançou um projecto de construção de casas para grupos vulneráveis (idosos, pessoas deficientes e órfãos) vítimas de desastres foi a Cruz Vermelha de Moçambique com o apoio da sua Federação Internacional. No total, foram construídas 58 casas no bairro de Masquil Alto 2, com um custo avaliado entre 300 e 350 mil meticais cada¹¹. Os trabalhos de construção iniciaram no último trimestre de 2021 e foram concluídos no mesmo ano. São casas "tipo 1" (um quarto e sala), ditas "evolutivas". Esta "evolução" deverá ser custeada pelos próprios beneficiários, mas, com que meios? Até à data da última visita de campo (Abril de 2023), aguardava-se a entrega oficial pelo governo local, mas as famílias já se encontravam a residir nas casas construídas.

A entrega oficial das casas não tinha ainda acontecido, por uma razão de base: as casas apresentavam sérios problemas de infiltração de água quando chove. As paredes, feitas de areia e (um pouco) cimento, absorvem água que escorre pelas paredes até inundar o interior das casas. Para além disto, contrariamente à casa modelo (figura 3), feita de blocos de cimento e com pilares nas paredes laterais e parte traseira, as casas construídas para os restantes beneficiários já apresentam fissuras (figura nº) e não sido colocados pilares nas paredes laterais e partes traseiras (figura 4). Os beneficiários consideram que aquelas casas não oferecem segurança contra as intempéries, contrariamente ao discurso oficial de construção resiliente. Até então, o governo local e beneficiários aguardam que as casas sejam estucadas, conforme prometido pela entidade financiadora das obras.



Figura 3: Vista frontal (à esquerda) e traseira (à direita) da "casa-modelo" financiada pela Federação Internacional da CVM. Foto: U. Mandamule. Abril 2023

¹¹ Entrevista de 28 de Abril de 2023, Búzi.



Figura 4: Casas construídas em Masquil alto 2, Guara-Guara, já com fissuras. Na foto de baixo, um beneficiário indica as fissuras na parede traseira da casa Fotos: U. Mandamule. Abril 2023.

CONCLUSÃO

A reconstrução pós-desastre é um exercício complexo (e longo) que exige uma abordagem holística na identificação das prioridades de intervenção. Como referem Moatty & Vinet (2017), os efeitos indirectos de um desastre e da reconstrução podem durar mais de 10 ou 20 anos. Isto parece-nos contrário à imagem romântica de uma “reconstrução rápida e abrangente” pela qual se está a tentar embarcar em contextos pós-desastre, em Moçambique. Considerando que os eventos extremos continuarão afectando o país nos próximos anos, tal como indicam as projecções (IPCC, 2022), e que novos reassentamentos populacionais serão (certamente) realizados, urge (re)pensar em soluções mais humanizadas, inclusivas e participativas e realistas, adequadas ao contexto social e cultural das populações afectadas. Abordagens de reconstrução “românticas” podem resultar numa nova e conflituosa diferenciação social e minar os esforços para se alcançar a resiliência social e física que se pretende.

Nesta senda, recomenda-se que:

- Haja uma maior coordenação interinstitucional no desenvolvimento de estratégias de adaptação adequadas aos contextos de intervenção.
- O reassentamento de populações seja previamente planificado, o que implica, não só, a identificação dos locais para o mesmo, como também, consultas e comunicação junto das comunidades nos locais de acolhimento.
- A construção de habitações para os reassentados não deveria impor modelos desajustados dos hábitos, cultura e valores antropológicos dos beneficiários.
- Abordagens participativas e que considerem o conhecimento local devem ser privilegiadas no desenho dos modelos de casas para os beneficiários. Isto permitirá, não só, uma maior apropriação dos projectos, como ajudará a minimizar conflitos em fases posteriores.
- É necessário que haja um maior envolvimento das autoridades locais na fiscalização dos projectos de construção implementados localmente. Não se trata, apenas, de construir e entregar (muitas) casas, como por vezes se refere; trata-se de construir bem e com padrões mínimos de segurança e resiliência. A ajuda não pode implicar desresponsabilização do Estado.
- Incluir as mulheres na reconstrução pós-desastre, o que ajudará, como foi verificado noutros contextos, a fortalecer a sua resiliência e das suas famílias.
- Promover campanhas de educação e debates sobre assuntos ligados às mudanças climáticas, para todas as idades (crianças, jovens, adultos) e com atenção para as necessidades dos grupos vulneráveis.

BIBLIOGRAFIA

- AMARATUNGA, D., & Haigh, R. (2011). *Post-Disaster Reconstruction of the Built Environment : Rebuilding for Resilience* (1st edition). Wiley-Blackwell.
- BARENSTEIN, J. E. D., & Leemann, E. (Éds.). (2012). *Post-Disaster Reconstruction and Change : Communities' Perspectives*. CRC Press. <https://doi.org/10.1201/b13027>
- BRADSHAW, S. (2002). Exploring the gender dimensions of reconstruction processes post-hurricane Mitch. *Journal of International Development*, 14(6), 871-879. <https://doi.org/10.1002/jid.932>
- DAUPHINÉ, A., & Provitolo, D. (2013). *Risques et catastrophes. Observer, spatialiser, comprendre gérer* (2ed éd.). Armand Colin. <https://doi.org/10.3917/arco.dauph.2013.01>
- DELANEY, P. L., & Shrader, E. (2000). *Gender and post-disaster reconstruction. The case or Hurricane Mitch in the Honduras and Nicaragua* (World Bank draft Report). The World Bank. <https://www.humanitarianlibrary.org/resource/gender-and-post-disaster-reconstruction-case-hurricane-mitch-honduras-and-nicaragua-0>
- INGC, International Federation, & OCHA. (2019). *Avaliação Rápida para Moçambique—Distrito de Buzi*. INGC, OCHA, International Federation.
- IPCC. (2022). *Climate Change 2022 : Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* (p. 3056). IPCC. <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/downloads/>
- LIZARRALDE, G., Johnson, C., & Davidson, C. (Éds.). (2009). *Rebuilding After Disasters : From Emergency to Sustainability*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203892572>
- MILLER, D. S., & Rivera, J. D. (Éds.). (2010). *Community Disaster Recovery and Resiliency : Exploring Global Opportunities and Challenges*. CRC Press. <https://doi.org/10.1201/b10269>
- MOATTY, A., & Vinet, F. (2017). La reconstruction post-catastrophe : Retour d'expérience sur la tornade du 3 août 2008 dans le nord de la France. In F. Leone & F. Vinet (Éds.), *Gérer les risques naturels : Pratiques et outils* (p. 47-59). Presses universitaires de la Méditerranée.
- REDACÇÃO. (2019, juin 27). *Fundação Tzu Chi financia construção de três mil "casas resilientes" em Moçambique*. Carta de Moçambique. <https://cartamz.com/index.php/empresas-marcas-e-pessoas/item/2299-fundacao-tzu-chi-financia-construcao-de-tres-mil-casas-resilientes-em-mocambique>
- SERVIÇO DISTRIAL DE PLANEAMENTO E INFRA-ESTRUTURAS. (2020). *Situação de ocupação de talhões nos bairros de reassentamento « Guara-Guara, Bândua, Estaquinha e Grudja »*.
- SWECO International and Associates. (2011). *Development of the Buzi river basin. Monograph and joint integrated water resources management strategy*. (p. p.144) [Main report]. SADC et ADF.

THURAIRAJAH, N. (2011). Empowerment in Disaster Response and Reconstruction : Role of Women. In D. Amaratunga & R. Haigh (Éds.), *Post-disaster reconstruction of the built environment. Rebuilding for resilience* (p. 70-90). Wiley-Blackwell.

THURAIRAJAH, N., Amaratunga, D., & Haigh, R. (2008). *Post disaster reconstruction as an opportunity for development : Women's perspective*.
https://www.researchgate.net/publication/46297637_Post_disaster_reconstruction_as_an_opportunity_for_development_women's_perspective.